

última referência: Sempre que se pergunta às pessoas centenárias como elas fizeram para chegar aos 100 anos de idade, elas respondem a uma voz que tiveram que trabalhar a vida toda. Como com certeza estas pessoas não exercem mais atividade profissional há dezenas de anos, isto só pode significar que elas trabalharam também no seu tempo livre, e isto mais uma vez só pode significar que - a salvo de todo stress - nunca deixaram de preencher o seu tempo de maneira criativa e útil.

Talvez seja nisto que consista o verdadeiro milagre do trabalho: ele faz falta aos que fogem dele, oprime quem nele se afoga, mas dá asas à pessoa que o realiza procurando fazer uma obra que esperou por esta pessoa e por sua atividade - e isto durante toda a vida e sempre de novas maneiras.

Uma excursão à logofilosofia

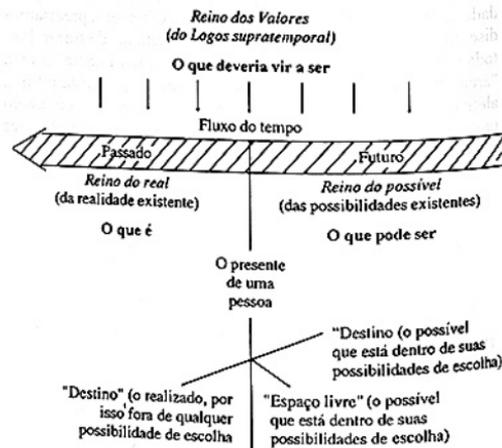
Depois de nos haver ocupado com o que mantém a capacidade de amar e a capacidade de trabalhar do homem, precisamos discutir agora o que é que fortalece sua capacidade de sofrer. Pois toda situação de vida é formada por uma "área intacta" e uma "área ainda não, ou não mais intacta", sendo que nesta última, além de uma parte modificável, sempre está envolvida também uma parte que não pode modificar-se, mas que precisa ser carregada, suportada, ou seja, *sofrida*.



Seja qual for, porém, a constituição de uma área não modificável da vida, sempre pode o homem ainda tomar posição em relação a ela de uma maneira à sua escolha; e se nada mais

ele pode mudar, pode não obstante modificar-se a *si próprio* diante do imutável - o que não raro pode constituir o sentido do sofrimento.

Na logoterapia faz-se uma distinção muito clara entre o mutável e o irrevogável, entre liberdade e destino, entre o possível e o real. O homem é entendido como um ser que se movimenta no limiar entre as duas coisas, na encruzilhada entre o que pode ser e o que é, responsável pelo possível que dele depende e confrontado com o que é e o que pode ser, mas que estão fora do seu alcance. A uma melhor compreensão do fundamento filosófico mais profundo das teorias logoterápicas, formuladas e definidas por Viktor E. Frankl e seus precursores, e de modo especial por Nicolai Hartmann, pretende servir o seguinte esquema.



* Este assunto pode ser estudado com mais detalhes em Viktor E. Frankl, *Der Wille zum Sinn*, 3ª ed., Bern, Huber, 1982, capítulo *Zeit und Verantwortung*.

Explicação do modelo da página anterior:

O "reino do real" é definido como o conjunto de todas as possibilidades do mundo realizadas até agora, é idêntico com o que é.

O "reino do possível" é definido como o conjunto de todas as possibilidades do mundo ainda não realizadas (= o conjunto de todas as possibilidades ainda não realizadas, mas que virão a ser realizadas, mais o conjunto de todas as possibilidades que permanecem sem ser realizadas), é idêntico com um "pré-estágio do ser" de onde pode se desenvolver o que é e o que não é. Pois o conjunto de todas as possibilidades que permanecem irrealizadas flui para o nada. Só as possibilidades que terminam por ser realizadas se incorporam ao ser: ao serem realizadas, elas transformam-se de possibilidades em realidades. As possibilidades que permanecem irrealizadas se extinguem, isto é, em algum momento deixam de ser possíveis, já não são mais possibilidades.

Exemplo: Um casal tem a possibilidade de ter filhos. Se ele realiza esta possibilidade, os filhos, que primeiro "existiram" como possibilidade, virão à existência, tornar-se-ão realidade. Porém, se esta possibilidade não for realizada pelo casal, um dia ela desaparece: seus filhos já não são mais "existentes" nem como possibilidade. A possibilidade deste determinado casal de ter filhos transforma-se em nada.

Do nada faz parte, portanto, o impossível (o que nunca "existiu" como possibilidade), mais todas as possibilidades que permaneceram irrealizadas (cuja "existência" se extingue no não-realizar-se).

O "fluxo do tempo" está univocamente orientado do possível para o real, e não vice-versa. O possível é fugaz, ele urge pelo ser (como numa espécie de horror do vácuo, de acordo com Frankl). O "pré-estágio do ser" é instável, ele desfaz-se no fluxo do tempo, e só o que é, o que no fim se realizou, é que é estável.

Fluxo do tempo

Conjunto de todas as possibilidades não realizadas

"Pré-estágio do ser"

Possibilidades que se realizam

Entram no "reino do real"

Incorporam-se ao ser

Possibilidades que não se realizam

Deixam o "reino do possível"

Fluem para o nada

Um aspecto logoterápico interessante é que as possibilidades são a única coisa propriamente mortal, pois elas são "existentes" e, apesar disso, fugazes (deixam de ser "existentes" a partir de um certo momento), elas são o único verdadeiramente perecível!

A vida humana é estendida pelo "fluxo do tempo": ela entra no fluxo do tempo pela concepção e sai novamente do fluxo do tempo através da morte. Frankl salienta que com a morte o homem não tem mais sua vida (ou mais precisamente: suas possibilidades de vida), mas que tornou-se sua vida (mais precisamente: as possibilidades realizadas de sua vida, sua "realidade de vida"). Com a morte, o homem passa totalmente do "pré-estágio do ser" para o ser.

Fora do "fluxo do tempo" reina uma para nós inimaginável intemporalidade ("eternidade"), e isto não pode significar senão simultaneidade: as possibilidades realizadas estão simultaneamente presentes uma ao lado da outra, eterna e impercivelmente.

Até aqui temos um modelo bidimensional, com as duas coordenadas "reino do possível" e "reino do real". Como terceira coordenada entra agora o aspecto ético. Nem toda possibilidade deve ser realizada, nem toda possibilidade é merecedora de ser

realizada. Caim tinha a possibilidade de tornar-se o amigo ou assassino de seu irmão. Ambas eram possibilidades existentes para ele, mas ambas não eram igualmente merecedoras de ser realizadas. Ao "reino do possível" (do que pode ser) e ao "reino do real" (do que é) associa-se o "reino dos valores" (do que deveria ser).

O "reino dos valores" é definido como o conjunto de tudo aquilo que deveria ser e vir-a-ser; em termos religiosos seria a "vontade de Deus". Ele é supratemporal, isto é, não está submetido ao "fluxo do tempo", pois refere-se tanto ao possível quanto ao real. A possibilidade de Caim tornar-se o assassino de seu irmão era uma possibilidade de "que-não-devia-ser-realizada", exatamente como sua realização foi, e permanece uma realização "não-devida". Mesmo daqui a bilhões de anos a realização desta possibilidade não se transformará numa realização devida.

Neste ponto surge uma certa polarização entre o que merece ser realizado e o que não merece ser realizado, onde deixam de existir os tons cinzentos que sempre existem entre o branco e o preto, entre o bom e o mau: uma possibilidade ou merece chegar ao ser, ou seria melhor que ela não chegasse ao ser, mas que fluísse para o nada. É sobre isso que baseia-se o momento de decisão a que o homem está exposto todo o tempo de sua vida. Por exemplo, para um determinado casal num determinado momento ou é melhor ter um filho, ou é melhor ficar sem filhos, entre as duas coisas não existe nenhuma zona cinzenta de escolha.

Olhemos agora para a parte inferior de nosso modelo na página 154. A vida humana, que está no "fluxo do tempo", desenrola-se sempre no limite entre o possível e o real, no presente. Neste presente, a "área do destino" está contígua à "área livre", onde a "área do destino" pertence não apenas todo o passado da vida, portanto o já realizado, mas também aquele futuro possível que não se encontra nas mãos do homem. O "espaço livre" do homem envolve apenas o futuro possível que depende do próprio homem - mas isto é muita coisa.